

São Paulo, 28 de agosto de 2012

## Refinaria PDVSA em Amuay –Venezuela, sinais ignorados?

Por Alexandre Yokote

Lamentavelmente um novo registro de acidente em petroquímica. No meio de um cenário em que o preço do petróleo já voltava a subir, incentivado não apenas pela velha escassez e embargos ao Irã, mas também pela ameaça dos *natural hazards*, dessa vez com o Isaac (tempestade tropical que pode virar um furacão) no Golfo que fez várias companhias suspenderem a produção para minimizar o risco (já causou estragos por onde passou e já está atrapalhando as convenções eleitorais nos EUA), um novo evento vem a incentivar o aumento do preço da energia no mercado internacional. O evento em questão foi o vazamento de gás, seguido de explosão e incêndio na área de tancagens da refinaria da PDVSA em Amuay no dia 25. A refinaria é a 2ª. maior do mundo, possuindo uma capacidade de processamento de 645 mil barris de petróleo por dia.

Em termos de perdas associadas ao acidente, patrimonialmente não se tem uma informação declarada, a não ser de que 9 tanques de petróleo e produto foram danificados e que a área de processamento estava intacta, podendo retornar em 2 dias o refino. Não houve uma declaração “de Força Maior” para suspender as obrigações de acordos de exportação, contingencialmente serão utilizados instalações flutuantes de estocagem. Além disso, a PDVSA teria um inventário de 10 dias para atender as obrigações.

Aparentemente o destaque não fica para a questão economia, mas sim para os danos pessoais. As informações são incertas, mas registra-se por volta de 40 fatalidades e 80 feridos, além de 216 residências e instalações governamentais danificadas. O interessante foi que parte significativa dos afetados foi da Guarda Nacional (18 fatalidades) e seus familiares (15 fatalidades).

As causas do vazamento ainda serão apuradas, mas o que chama a atenção é a gestão de segurança de processo e a questão política rondando. Segundo reportagem da Bloomberg, especialistas entrevistados comentam a gestão falha de segurança de processo, com destaque ao plano de manutenção adiado por falta de materiais. Isso foi desmentido pelo chefe da refinaria, dizendo que a PDVSA gastou mais de 6 bilhões de dólares em manutenção, sendo 4 bilhões neste complexo.

Em termos de medidas de gerenciamento de segurança de processo, nós do setor já estamos acostumados a discutir a importância de planos de inspeção e manutenção, prontuários, permissões de trabalho associados a análise de riscos, gestão de mudanças, procedimentos, capacitação e treinamentos, classificação de áreas para atmosfera explosiva e adequação de instalações elétricas, controles de fonte de ignição, planos de emergência e contingência e assim vai dentro de uma gestão na linha de Process Safety Management. A OIT 174 já não é novidade alguma e Responsible Care começou da década de 80, tudo bem que acabamos de conseguir um novo texto para a NR-20, mas os riscos e controles são conhecidos no setor.

Segundo relatos, vários incidentes ocorreram nos últimos tempos. Já eram sinais de algo falho na gestão. Sabemos que novos riscos começam a se globalizar, como a questão de congelamento de linhas e a ameaça de terrorismo e sabotagem. Pela quantidade de mortes da guarda nacional, a ameaça de terrorismo e sabotagem já era algo previsto pela gestão da refinaria da PDVSA. Mas será que o risco político da alegada demissão de milhares de funcionários por conta de greve e oposição ao Governo, foi devidamente gerido?

Cito que pelo menos, a dimensão dos danos de uma hipótese acidental não eram conhecidos adequadamente. Não se é aceitável que a onda de pressão gerada pela explosão de um tanque, dentro de 680 tanques do parque, gerasse tal destruição de residências, prédios e as fatalidades da vigilância e seus familiares. Em toda gestão de segurança de processo deve-se olhar primeiro a proteção de vidas e meio ambiente e somente depois a proteção de ativos e operabilidade.